

Oscar Bertholdo

---

# Montanhas Azuis

---

Oscar Bertholdo

---

# Montanhas Azuis

---

**Fundação Universidade de Caxias  
do Sul**

*Presidente:*  
Dom José Gislon

**Universidade de Caxias do Sul**

*Reitor:*  
Gelson Leonardo Rech

*Vice-Reitor:*  
Asdrubal Falavigna

*Pró-Reitor de Pesquisa e  
Pós-Graduação:*  
Everaldo Cescon

*Pró-Reitora de Graduação:*  
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e  
Desenvolvimento Tecnológico:*  
Neide Pessin

*Chefe de Gabinete:*  
Givanildo Garlet

*Coordenadora da EDUCS:*  
Simone Côrte Real Barbieri

**Conselho Editorial da EDUCS**

André Felipe Streck  
Alexandre Cortez Fernandes  
Cleide Calgaro – Presidente do  
Conselho

Everaldo Cescon  
Flávia Brocchetto Ramos  
Francisco Catelli  
Guilherme Brambatti Guzzo  
Márcio Miranda Alves  
Matheus de Mesquita Silveira  
Simone Côrte Real Barbieri  
– Secretária

Suzana Maria de Conto  
Terciane Ângela Luchese  
Thiago de Oliveira Gamba

**Comitê Editorial**

Alberto Barausse  
*Università degli Studi del Molise/Itália*

Alejandro González-Varas Ibáñez  
*Universidad de Zaragoza/Espanha*

Alexandra Aragão  
*Universidade de Coimbra/Portugal*

Joaquim Pintassilgo  
*Universidade de Lisboa/Portugal*

Jorge Isaac Torres Manrique  
*Escuela Interdisciplinar de Derechos  
Fundamentales Praeeminentia  
Iustitia/Peru*

Juan Emmerich  
*Universidad Nacional de La Plata/  
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes  
*Universidade Federal de Sergipe/Brasil*

Margarita Sgró  
*Universidad Nacional del Centro/  
Argentina*

Nathália Cristine Vieceli  
*Chalmers University of Technology/  
Suécia*

Tristan McCowan  
*University of London/Inglaterra*



Oscar Bertholdo

---

# Montanhas Azuis

---



© do autor  
1ª edição: 2023  
Revisão: Giovana Letícia Reolon  
Editoração: Ana Carolina Marques Ramos  
Capa: Igor Rodrigues de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
UCS – BICE – Processamento Técnico

B542m Bertholdo, Oscar  
Montanhas azuis [recurso eletrônico] / Oscar Bertholdo. –  
Caxias do  
Sul : EducS, 2023.  
Dados eletrônicos (1 arquivo).  
  
Modo de acesso: World Wide Web.  
ISBN 978-65-5807-266-9  
  
1. Literatura sul-rio-grandense - Poesia. 2. Literatura brasileira -  
Poesia. I. Título.  
  
CDU 2. ed.: 821.134.3(816.5)-1

### Índice para o catálogo sistemático

1. Literatura sul-rio-grandense - Poesia 821.134.3(816.5)-1  
2. Literatura brasileira - Poesia 821.134.3(81)-1

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária  
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul  
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-  
560 – Caxias do Sul – RS – Brasil  
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil  
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54)  
3218 2197  
Home Page: [www.ucs.br](http://www.ucs.br) – E-mail: [educs@ucs.br](mailto:educs@ucs.br)

# Obras do autor

Oscar Bertholdo nasceu em 15 de julho de 1935 em Nova Roma do Sul e faleceu em 22 de fevereiro de 1991 em Farroupilha.

## ***Seus livros:***

- “Matrícula” (1967) – primeiro livro de poesia
- “As Cordas” (1968)
- “Corpobre” (1969)
- “O Guardião das Vinhas” (1970)
- “A Colheita Comum” (1971)
- “Poemimprovisos” (1974) – vencedor do prêmio do Instituto Estadual do Livro
- “Lugar” (1976) – vencedor do Concurso Nacional de Literatura da Caixa Econômica de Goiás
- “Vinte e quatro poemas” (1977)
- “Ave, Árvore & Tempo de Assoalho” (1981)
- “Informes de Ofício e outras Novidades” (1982)
- “Canto de amor à Farroupilha” (1984)
- “C’Antigas” (1986)
- “Momentos de Intimidades” (1989)

## ***Livros póstumos:***

- “Amadas Raízes” (1992 )
- “Poemas Avulsos” (1995)
- “Bocca Chiusa” (1996)
- “Molho de Chaves” (2001)
- “Matrícula Dois” (1998)

- “O Fazedor de Lonjuras” (2011)

***Participação em antologias:***

- “Histórias do Vinho”
- “Vinho dá Poesia”
- “Arte & Poesia” (1987)
- “Poetas contemporâneos brasileiros” – volume 1
- “Poeta mostra a tua cara” – volume 4
- “Medida Provisória 161”
- “Poesia do Brasil” – volume 1
- “Poesía Brasileña para el Nuevo Milenio
- “Poesie du Brésil” – volume 1

---

Não colocarei aqui o teu nome,  
tu,  
a quem devo a emoção de haver encontrado  
as montanhas.



# Sumário

- O guardião da montanha · 9
- Os caminhos da montanha · 12
  - Carta de Princípio · 17
- Montanhas Azuis: poemas · 18

---

# O guardião da montanha

A grande poesia carrega consigo um paradoxo crucial: tudo diz, dizendo pouco. E quanto mais diz para além da fronteira ténue que delimita o excesso, mais se explica e revela, mais afrouxa a corda do segredo, mais descostura o tecido do encanto. Então, o que dizer sobre a poesia que, refinada e precisa, já disse o suficiente? A grande poesia se basta, pede silêncio ao redor de si. Mas a admiração, o comentário, a crítica necessária, o sentimento exigente, enfim, todo esse entorno pede concessões à palavra, para que se manifeste e pise num terreno arado preciosamente, ainda que mal lhe suporte o peso.

Esta fala é excesso, é circundar esse terreno poético que admiro há anos e lançar em seus limites algumas considerações, poucas e pobres que sejam.

Oscar Bertholdo deixou-nos precocemente, quando administrava com plenos poderes o uso de suas ferramentas literárias, arando e semeando seu amado vale – universo sagrado de poesia – com criterioso esmero. E como sua sensibilidade seguia extraindo novos frutos desse chão tão fértil, muitos deles seguem intocados, à espera de oportunidade para revelar toda a riqueza de seu sabor.

*Montanhas Azuis* é um desses frutos, pleno das melhores qualidades presentes na produção poética desse admirável lavrador. Certamente pensando em

---

publicação próxima, o autor numerou e ordenou os cinquenta e um poemas que compõem o livro e solicitou do professor Jayme Paviani o prefácio que tanto ilumina sua leitura.

Infelizmente, Oscar Bertholdo já não está conosco, e foi preciso sanar algumas questões pertinentes a esta edição. Em princípio, o conjunto com os primeiros vinte e cinco poemas parecia constituir uma totalidade autônoma, o volume intitulado *Montanhas Azuis*. Os vinte e seis seguintes seriam um agrupamento à parte, que o autor pretendia adicionar ou não à publicação. Ainda que seja possível identificar uma ligeira autonomia temática do bloco inicial, o exame cuidadoso de todos os poemas em sequência permite abrigá-los à sombra da mesma paisagem poética. A imagem da montanha, embora mais presente na metade inicial, surge igualmente no restante do conjunto, misturando-se a outras, tão caras ao poeta: o vale, a vindima, a vida campesina, as estações do ano como etapas místicas da vida.

Em razão disso, entendendo que existe coesão suficiente entre os cinquenta e um poemas, optou-se por publicá-los em volume único, oferecendo um fragmento mais robusto da obra inédita desse grande poeta. As interferências no texto limitaram-se a mínimos e indispensáveis ajustes, de forma que essas *Montanhas Azuis* vêm à luz em conformidade com o projeto original de seu autor.

Das vinhas plantadas nas encostas de seu mítico vale, a poesia de Oscar Bertholdo continua a brotar, generosamente, com o mesmo sabor e potência de encantar. Em *Montanhas Azuis*, o poeta convida ao recolhimento para iluminar nossa sensibilidade,

---

*ensinando que só quem conhece sabe como é belo / o  
silêncio preparando as frutas.*

*Edmar Monteiro Filho*

---

# Os caminhos da montanha

As imagens são o que representam: compõem-se, multiplicam-se em ondas flutuantes de significados, que abarcam extensões da experiência humana – a vida, o cotidiano, o amor, a morte, a busca pela ancoragem possível. Toda a imagem pressupõe, superpõe e transpõe outras imagens e a realidade. O poeta, com sua retórica analógica, segue com serenidade os caminhos da montanha. Na origem geográfica, o poeta instala o sentimento de estar-aí do homem no mundo, onde há um clima de paz e de sentido de tranquilidade. Não a monotonia do rural, mas a angústia que fecunda todo ato de vida. Num sentido de transitoriedade, propõe um confronto com o eterno. Eternidade? Não se trata da vida eterna ideologizada, mas da demora serena, qualidade daquilo que é bom e dura. Em cima do instante, como no cruzamento de olhos nos olhos: aí estão as montanhas: às vezes, longe ou perto, outras vezes, objeto ou confundidas no sujeito; às vezes, são vistas, outras vezes nos veem. As montanhas da infância ou da velhice. Sempre refletindo com nostalgia o lado bom do homem (porque a poesia de *Oscar Bertholdo* tem algo de rousseauiano, no sentido de que a vida afetiva interfere no conhecimento e o homem é basicamente um ser marcado pela bondade). Essas montanhas não são um ponto estático, mas horizonte, limites. Talvez.

---

Por isso, o poeta insiste em sua única característica: o azul. Fundem-se com aquilo a que remetem. Velam e desvelam o tempo da cotidianidade. Apesar de seu estado de fronteiras, expressam na contradição que habita nas coisas o sentido de “lado de lá”. Não se trata de um romantismo tardio. O poeta, de modo enfático, diz: “As desculpas não te deixam feliz no lado de cá”. A chave do discurso está nisto: “Nenhuma montanha é só montanha ao longe”.

Em livros anteriores, *Oscar Bertholdo* constrói a poética do “vale”, em que a tônica é a reconquista de um mundo perdido como lugar de fecundidade. Agora, dirige-se, quase religiosamente, às “montanhas” como lugar de chegada e descanso, momento de maturidade, onde o “tamanho da alma vem à tona”, onde se descobre que “nada é supérfluo ou inalcançável, onde não desaparecem todos os contrastes”. Terá o poeta simplesmente mudado de signo ou de mito? Como os mitos indecifráveis e contraditórios, assim são os homens. Perguntar pelo significado das montanhas é o mesmo que querer saber o sentido da água na hora da sede, em vez de bebê-la quando se tem nas mãos. O sentido está na unidade da imagem na composição das *Montanhas Azuis*, não nos elementos isolados ou nas referências como num feixe de relações. As montanhas são síntese e direção, são o mundo do homem posto na dimensão da finalidade; ensinam-nos em que se deve confiar. As montanhas são poder mágico, não possuindo a substância do mito: o relato. O poeta não se encastela em seu dizer, na absolutização da expressão (como, por exemplo, em *Lugar e Poemimprovisos*). A linguagem não pode ser exclusivamente fim em si. O dito não pode se desprender da linguagem. Não se

---

trata de transformar a linguagem poética em meio. O mal-entendido reside na absolutização da finalidade estética da poesia. O poeta não se entrega totalmente ao inconsciente na elaboração de seus poemas. Aceita as interferências da ordem social, no entanto, sem perder a individualidade. Introduce adequadas doses de racionalidade em sua expressão sensível do mundo. Diz: “A palavra é realidade natural e existe em função dos meus poemas”.

A harmonia das imagens gira em torno de um eixo: as montanhas. Elas têm a força de mostrar a quietude do verão, o lugar da infância, o tempo dos frutos, a distância da pressa urbana. As montanhas estão cheias de carícias, assemelham-se às uvas, situam os vilarejos, lembram as primeiras páginas do Gênesis, pertencem a Deus, dão sentido aos caminhos, parecem “velhos touros cansados”, deitados “rente ao pasto úmido / das nuvens”, são lugares de silêncio e solidão que conduzem os rios e, humanas, detêm o poder de “clarear as palavras”. Mas a verdadeira terra das montanhas são as palavras. É com elas que o poeta faz a morada na qual se sente livre. As palavras são para o poeta o que as montanhas são para os homens e as culturas que nascem e vivem em torno delas. *As palavras são as montanhas do poema*. Assim, as palavras, verso a verso, abrem-se como caixas de surpresas. Em seu encadeamento circular, de extensão arbitrariamente limitada (pois os poemas de *Oscar Bertholdo*, sem início e fim, têm, às vezes, o ritmo abrupto e repetitivo da natureza), escorrem como rio caudaloso, superando acidentes de ritmo e linguagem, na direção da “tocável distância das montanhas”. A unidade surge de suas partes

---

tácteis, táticas e na correnteza da oralidade. Com tantas margens, fica a sedução do todo.

A montanha, o poeta não a conhece intelectualmente. Ele sente a montanha e é isso que a torna azul. Dizer que ela é azul é dizer como a sente. Há uma identificação entre aquele que sente e o sentido. O azul da montanha não é a ideia de azul atribuída ao objeto por um golpe de lógica, consenso ou concordância. O azul é a maneira de a montanha se manifestar, horizonte aberto pela percepção. Na sensação do azul, os segredos adquirem presença. O azul é, de um lado, uma dimensão existencial, um sistema de significações que sustenta o sujeito, e, de outro, o ponto de referência que dá unidade a todas as qualidades da montanha. A constância “azul” das montanhas fundamenta o horizonte primordial de todas as experiências do poeta. Diz: “Eu nunca soube quem pintou de azul” essas montanhas. Confessa ignorância sobre a origem, mas jamais sobre a qualidade das montanhas: “Só os poetas sabiam que as montanhas / são realmente azuis”. E acrescenta: “não adianta fingir que não vês o azul / escorrendo do rosto dessas montanhas”. A partir delas, pode proclamar: “As pedras são também azuis / como o teu olhar mediterrâneo”; “Azuis, as montanhas de minha terra / continuam verdes”.

Mas qual o significado do azul em nossa tradição cultural? Que importam a sociologia e a psicologia das cores quando o poeta, ciente de que fomos feitos uns para os outros e de que a luz não nos permite esquecer os rumos, diz, como se estivesse a revelar seu segredo: “Os poemas sondam o começo / e o percurso das cores. As inconfundíveis além do azul / e os totens curiosos dos abismos”. Mas, num momen-



---

to em que cessa o azul e com ele todas as cores, no instante em que “as montanhas” se transformam na “montanha”. E o poeta conclui: “Essas montanhas não existem mais”, tudo é “círculo e solidão dentro de outro círculo”.

As *Montanhas Azuis* transformam-se no autorretrato do poeta. A metáfora das montanhas indica com serenidade a invisível presença da morte. *Oscar Bertholdo* faz de sua poesia um *diálogo*, questionando o sentido do tempo, a necessidade de solidão, a presença de Deus, a condição humana, sempre com longos versos, numa fortíssima tentativa de alcançar com palavras o sentido da vida. O telúrico é apenas pretexto. O verdadeiro contexto é a esperança que perpassa toda a obra do poeta. Sua angústia nada tem de desesperador. Diante do inexorável para o qual toda a vida humana se dirige, diz: “morte em que hei de adormecer / a semente enamorada de dádivas”.

*A poesia de Oscar Bertholdo, escrita em estado de confissão, não tem truques, impõe-se por sua complexa simplicidade. É um parreiral florido, ainda não podado. A forma poética progride em ciclos, como a natureza. Nesse momento, com o nevoeiro escondendo os vales, ela aponta para as montanhas. Realmente, é uma poesia de raízes locais, mas também universais.*

*Jayme Paviani*

---

# Carta de Princípio

As montanhas precisam de poemas,  
neles a palavra é ávida realidade,  
rosto que perdura quando todos partem  
para além das coisas mais remotas  
como as nuvens passando nesta tarde  
de julho quando completarei cinquent'anos  
confins às ascensões que ficaram  
depois de todos terem se ausentado.

As montanhas – os poemas desejam vê-las!  
Escrevo para não ficar longe das montanhas...

A palavra – terra inexplicável, morada  
em que me sinto em forma de carência,  
rosto que inclui meus outros olhos  
e existe em função dos meus poemas.

---

# 1

De repente as montanhas são azuis.

Ocupado com os frutos em quietude  
o verão chama todas as cantigas  
em meio às cestas menos cansativas.

Parecem sem jeito essas montanhas  
tão proximamente distantes  
– o azul ressoando em ecos vem gratuitamente  
fragmentado de sol e de pretextos.

Os poemas queriam que durassem em mim  
essas montanhas azuis e sua verdade  
como em teu rosto as horas de amor  
e o que sobrou de voo dos pássaros desfrutáveis.

Eu nunca soube quem pintou de azul  
a tocável distância das montanhas.

---

## 2

Quero outra vez a ingenuidade de rever  
as montanhas no verão de minha terra  
e, sem mudar as coisas, motivar em luz  
o claro enigma que vem da vida.

Aprenderam a esquecer meus descaminhos  
as montanhas e o sedentário azul...

Acariciantes, visualizam as palavras no poema,  
exultam antes de por mim serem vistas  
em ansiedade que o teu olhar alcança.

Reencontradas, são avós criando  
no tempo o crochê de tantas lembranças  
sem nunca fugir dos poemas que fomos  
compondo de longe com hálitos de agora.

Depois das montanhas está o lado de lá.

---

# 3

Não chegam até a pressa urbana  
essas montanhas desejadas de azul  
(os únicos ruídos saem de dentro das colheitas  
e dos calmos momentos depois das surpresas).

Como raízes veem o tempo passando  
Em séculos, descobrem a certeza  
de haver outras infâncias compadecidas  
para os sustos do menino que foste.

Era inevitável a solidão enquanto adias  
o retorno concorde, liberto, em paz.  
Agora as montanhas batem palmas, nomeiam  
o limite que ultrapassa o meu poema.

Por isso os pássaros abrem espaço  
e ouves os sinos molhando de comunhão a alma.

---

# 4

Só os poetas sabiam que as montanhas  
são realmente azuis em minha terra.

Ah, deixá-las mortas é a última notícia.

As montanhas seduzem o poeta no poema,  
por isso cantas e sem medo itinerante  
teu canto é o mínimo que se exige.  
Os adjetivos deixam de ser fanhosos  
e são contigo atalhos costumeiros.

Não adianta fingir que não vês o azul  
escorrendo do véu dessas montanhas!

As desculpas não te deixam feliz no lado de cá.

(Estar com quem se ama é respirar  
o ar puro que permeia os cômodos da casa).

Há razões que só os poetas nunca esquecem.

---

# 5

Com efeito, o verão não passou ainda  
pelas minhas amadas montanhas,  
os cheiros prolongam nas planícies  
um azul maior que a cavidade das horas.

Ensolarados, os dias de verão se arrastam  
em cachos de uvas, os figos e as flores  
numerosas ao redor da casa... Ninguém  
resiste ao azul desocultado de memória.

Em breve, não estranho à aurora,  
o outono há de chegar pelas montanhas  
em saltos de canguru nervoso.

Neste ano o verão fez-mais belo  
nos frutos enleados de demoras.

---

# 6

Sim, as crianças dizem que as montanhas  
não passam de um solitário instante,  
têm mãos, cintilam e pensam  
em fontes de água e escassas cascatas.

O que há de intocável nelas até hoje  
nem os poetas desvendar conseguem.

Nascem cheias de carícias  
as mãos captadas em torno de ti.

Por isso, sem gritos de abandono  
– à sombra – as pedras são também azuis  
como teu olhar mediterrâneo.  
Não apenas as pedras, mas os riachos.

Um quadrupede manso e de mágica penugenta  
pastando a paisagem dessas montanhas.



---

# 7

Azuis como o azul, doces como as uvas,  
fortes como as cabras pastando sem insônia,  
reservadas como tu,  
as mesmas montanhas em cima do poema  
– tecido com cuidados de um jasmim cheiroso –,  
país de origem e mesa das nuvens  
que passam ao cair da tarde  
como folhas arqueadas pelo vento –  
essas montanhas azuis como o azul,  
doces como o mosto de vinho novo,  
fortes como um tronco de árvore ancestral,  
reservadas como tu,  
que chegas com os pés descalços  
e a vida tecida para o tempo do amor.

---

## 8

Não artificiais nem interessadas em enleios  
pela robustez fria e crua da máquina,  
elas – as montanhas – emprestando pista  
nenhuma sobre os mesmos mistérios, elas  
– as montanhas – hão de abrigar a chuva  
para as próximas colheitas e, viscosas  
na paisagem, não lhes sobrarão tempo  
para se cobrir de azul, detalhe  
fugidio aos que as possuem de longe,  
elas – as montanhas – enchendo a tela  
do meu poema com a teia obedencial  
das palavras de arranjar metáforas,  
elas – pandorgas em domingos de vento –,  
as montanhas, são montanhas, montanhas...

---

## 9

Azuis, as montanhas de minha terra  
continuam verdes. No ar a magia  
dos vales servidos de sementes  
isola-me do resto do mundo.

Calmamente pelos poemas da montanha  
os vilarejos são lojas de estacionar  
os meninos esculpido de alegria.

As colônias acontecidas contam  
os frutos assistidos de gosto,  
fascínio e mito de termos nascido aqui,  
iguais e diferentes como os próprios poemas.

As hortênsias voltam e os pinheiros  
permanecem à tua espera em minha ausência.

Venha viver onde nasci. Aqui não há perguntas.

---

# 10

Enchei os dias as semanas os anos  
de tudo o que vive e se move sobre a terra  
e tereis as montanhas em bênção  
e o poder de nutrir de asas o vento.

As montanhas, pertencendo a Deus,  
preparam discretamente o teu sotaque  
e as metáforas que passam a fazer parte  
do azul. E das palavras pedindo cuidados.

Para as montanhas o tempo não existe,  
repetem-se na invenção de tua infância,  
minuciosas, vêm hoje à tona e se descuidam  
em semelhanças irresistíveis.

Talvez descubras o cântico dos cânticos  
nas primeiras páginas do Gênesis.

---

# 11

São possíveis desde a vésperas as montanhas.

Chegar é sentir o sabor dos olhos  
e acordar com cuidado o lado de dentro,  
eis a permissão para viver desde cedo  
sem nenhum sentimento de culpa.

Chegar é partir de novo para a origem,  
o que era sêmen veio ao nosso encontro  
inconcluso como o próprio azul  
que vês ao abrir os olhos para o mundo.

O que era em face do nada escorre aos poucos  
do rosto, luz de acesso, sombra e suor  
de paz cobrindo o respeito pela tarde.

De repente as borboletas chegam às montanhas,  
pureza sucedânea de se viver morrendo.

---

# 12

Quero fazer das montanhas azuis  
guardiãs do meu último olhar à terra.

Sobre as margens do caos hodierno  
elas apontam o caminho sem retorno,  
sabendo que hão de aqui ficar sentidas  
como bandos de aves expulsas da árvore  
da morte em que hei de adormecer  
a semente enamorada de dádivas...

Que o azul escondido nas montanhas  
possa cobrir de límpidas florinhas  
o que perdura no poema  
e a nostalgia paciente de olhá-las.

Ninguém tire de mim o que estou a ver  
nesta escuridão luzmente amorosa.

---

# 13

De quando em quando as montanhas,  
como velhos touros cansados,  
resmungam deitadas rente ao pasto úmido  
das nuvens e do sossego dos estábulos.

Só Deus sabe se haver com as montanhas  
Que, obliquamente subindo para as coisas,  
cuidam dos plátanos sem deles arrancar  
confidências nem ilusões das macegas.

Ver é preciso. Ficam as montanhas arquejantes  
ao longo do dia nesta secreta simpatia  
de antecipar, curiosíssimo de vida,  
o privilégio de sol. E não as perguntas.

Algumas vezes fingem ignorar-me.

Mas as montanhas não prescindem do azul.

---

# 14

Entre silêncio e solidão, erguem-se  
as montanhas que me foram confiadas  
com as pequenas aldeias mantendo  
os hábitos da fé como das roseiras.

Silêncio que se pode quase tocar  
com as palavras que a solidão liberta,  
essa é a maneira de habitar  
o temor infantil de uma cantiga esquecida.

Aqui esse lugar de repouso está sozinho  
e ensina a viver sem aparências!

O cotidiano desesconde o tenebroso labirinto.

Não tenhas medo de sentir-te humano:  
Deus está perto dessas montanhas,  
umbral de um mundo de milênios...



---

# 15

O poema sabe muito bem de quantas montanhas  
o poeta precisa além da janela  
e para seu próprio uso  
extrair o exílio pegajoso das palavras.

Alegram-me enormemente os cheiros fortes  
dos vales em redonda luminosidade.

Envelheço parecido com o azul  
vergado ao peso do verão e viveres.

Não é necessário cercar as montanhas  
com outras cerimônias e aquarelas.  
Sóbrios, os sinos do rústico campanário  
não perturbam o caminho que me viu nascer.

Para isso é que existem as janelas  
onde tudo é familiar e as coisas, coreografadas.

---

# 16

Que as montanhas possam clarear as palavras  
e as afeições que tenho pelas árvores  
e que me confirmam sentir que o dia está claro.

As montanhas falam entre si  
e sempre falam de outras montanhas.  
Cada uma confere o calor do verão  
e este azul de vidro coexistindo  
diagonal, porque de nada necessita.

As montanhas criadas disfarçam teu cansaço.

Vindas dos utensílios domésticos,  
as mãos destinam-se aos cestos de frutas  
e aos recursos tão parcos de rastros.

Aquém do além está o sol sem ruído  
como se fora a causa mais natural do mundo.

---

# 17

Do alto das montanhas os rios são inumeráveis.

Correndo descalças as planícies esperam  
domingos cativados de histórias  
de navios que vieram do além-mar.

Os rios não representam uma ameaça,  
são pastorinhos conduzindo o tempo  
por invisíveis prados cheios de sementes.  
Os rios vulneráveis. Os rios como as crianças.

Como escamas das montanhas,  
esses rios acabam de ir para o ontem,  
mas, fiéis às margens,  
adormecem depois de abismar as estrelas.

Nem as cantigas distraem nos rios  
a paciente mímica da alma das montanhas.

---

# 18

Nunca mais as montanhas azuis deixaram  
de ter a doçura colonial das paisagens  
ninhadas de parreiras, pomares e abelhas  
celebrando a vida e as quimeras.

Os vindimeiros, mercê da herança,  
inventam a colheita e arranjam de novo  
a vindima sobre as montanhas  
como um cântico de criação e liberdade.

Íntegras, as montanhas se inclinam  
sobre os tapetes de sabor e cheiros  
ao longo das veredas outonais  
onde a esperança não é perecedoura.

Aqui, por causa das uvas tão convidativas,  
as montanhas inexoravelmente azuis  
são dornas de surpresa e dormem tranquilas.

---

# 19

Mansos, mansos os mistérios da montanha  
chegam imóveis como a pedra que ficou  
no fundo de todas as ressonâncias.

Os ecos fazem-se maternos códigos de clareza  
e revelam cedo ou tarde o anseio  
de teu jeito, ventura sem disfarce.

Tudo repercute: a luz dos cheiros ingênuos  
a inocência e o farnel dos desejos, a sede  
e o tamanho de tantos perdões infinitamente  
salvos.

Os ecos gravam em ti a soma de todas as vozes.

Temos, sem nenhum atraso, a disposição do tempo  
nesses velhos relógios de parede.

Deixam-me sozinho as minhas montanhas...

---

# 20

Aqui tu enfrentas as montanhas, sozinho.

Solidão concreta, disponível timbre,  
cúmplice incapturável sobre as raízes,  
como se tu tivesses nascido  
em dois lugares ao mesmo tempo:  
à sombra das sombras das montanhas hoje azuis  
e das palavras tatuadas de miragens.

Sozinho, tu te encontras como eu me encontro  
toda vez que ouço os pássaros à tarde  
e o vento quase inexistente, sem o atropelo  
da pressa, sereno por dentro e por fora.

Os bem-te-vis abastecem cada minuto  
que passa, voando instantâneos e pacientes  
bem superiores às causas de rotina.

---

# 21

As mãos estão subindo por dentro das lembranças  
e o olhar no que ficou não dito:  
entramos na posse de nós mesmos.

O tamanho d'alma predispõe  
as montanhas antigas nas montanhas de agora  
onde nada é supérfluo, inalcançável,  
nem desaparecem todos os contrastes.  
Ambos estamos de mãos dadas...

As montanhas debruçam a nômade mania  
de estar em toda parte  
adicionando à nossa dor a ternura simples.

É tão desesperante o desgaste do mundo  
que o único repouso é teu rosto sem amparo  
cativante, legível e brincando de azul.

---

# 22

As montanhas não fluem de cima para baixo.

Símbolos atávicos como água e o gesto súbito  
de bebê-la ou caleidoscópio disposto  
onde inventamos os desejos mais incríveis  
e essa maneira de sermos humanos.

O peso dos séculos não lhes dá poder, são marcos  
E, estendendo a lonjura dos floridos cinamomos,  
partilham a emoção de serem mais que território.

Azuis para as nossas procuras  
dão forma àquilo que é invisível  
e creditam de resíduos amorosos  
distâncias e vertigens. E nunca as perguntas.

(Deus nunca se desculpa... Deus está azul.)

Ao vê-las, indelével silêncio é o que nos toca.



---

# 23

São domáveis as pistas de montanha...

Das montanhas azuis somos a linguagem  
como um fruto quase sazonado  
pelas carícias cálidas da tarde.

Como quem abençoa o olhar e as palavras  
elas se mostram recíprocas, previstas  
em caminhos aromas e primícias.

Luminosamente me ensinaram a ser livre  
e a partir contigo por todos os caminhos,  
convicto de que para o outro lado do rio  
elas se assemelham a uma ponte.

Para serem moradias, as montanhas  
lidam somente com o azul,  
embora sigam verdes.

---

# 24

Simples e calmos como as montanhas  
cada um pode aqui cobrir-se de utopia  
e possuir o que está além da aldeia  
cediça em ecos, exercício de ser.

Alumbramento de reter o tempo e decifrá-lo,  
sou hóspede de fontes não tardias,  
baú de frutos e teatro de saciar o vento  
que mistura obviamente as quatro estações  
pelas cercanias de tuas mãos atentas.

Vimos um para o outro. É tanta luz  
nas feições que ninguém esquece os rumos.

Os poemas sondam o começo e o percurso  
das cores. As inconfundíveis além do azul  
e os totens curiosos dos abismos.

---

# 25

Já não existem essas montanhas coabitadas,  
mansões seculares que se engastam de in/ventos,  
irremediavelmente antípodas e aos pares,  
círculo de solidão dentro de outro círculo.

Não existe o tempo aquém do tempo.

Ó Deus da exigente esperança,  
o problema cicante do cansaço  
é dor agônica demais,  
dá impressão de que tudo tem que ser calado.

Essas montanhas não existem mais...

Nenhuma montanha é montanha  
(estou confuso com a exatidão e o solo  
das gerações que vêm vindo de onde).

Nenhuma montanha é só montanha ao longe.

---

# 26

Entre montanhas encontro-me sem defesa  
como sempre. E lentamente filio  
a esse sentimento o desamparo  
e canto esta surpresa suficiente.  
Vejo-me agora imitando as raízes  
e sem descanso sei ainda exatamente  
o que é chegar de pés descalços  
e invadir-me de respeito.

É uma realidade sem medida a montanha...

Que o poema seja poema  
e a metáfora flutue por sobre o acolhimento –  
a hora é das árvores serenas.

Que a palavra se torne leve asa  
com timbre de insuficiência, isto basta.

---

# 27

Olhada por uma porção de ângulos a montanha  
é um caleidoscópio acumulado manualmente.

Táctil exercício de colheita,  
posso ficar aqui e em silêncio vou sondando  
o país cujos confins conheço todos.

Tento sempre encontrar outra terra igual.

Então as palavras, exaustas, chegam  
a suar como o rosto fiel dos campesinos.

Não creio que existe apenas esta terra...

Arduamente confino em testamento  
um estojo cheio de afetos que abro  
quando quero e fecho em forma de metáfora.

Olhada sem ficção, minha terra aldeã  
prepara farta refeição para os desvelos.

---

# 28

Eu amo a minha madrinha montanha  
e murmuro sua imagem e semelhança.

As palavras que existem, existirão  
para prolongá-la através dos poemas.  
Transbordam das montanhas em fogo,  
das mais priscas eras, sons de clarins  
invadindo os domínios das raízes  
até a consumação de seus frutos.

Faz-me ver a montanha os rios que ainda  
não desvendaram as pedras e a orla  
das margens por onde o tempo rola.

Os que chegam ao alto das montanhas  
Inclinam-se sobre o berço e velam,  
de geração em geração, os meninos detalhes.

---

# 29

Parceiras das montanhas, as borboletas  
começam agora a voar pelo poema,  
e as grandes manhãs azuis eu vejo  
com as mãos em cúpula sobre meus descuidos.

Tem jeito de casa própria o poema  
que ara o chão e as barrocas raízes.

O vento enfatiotou-se de pássaros  
só para dizer que a colheita tem a cor  
dos olhos que amo. E a mesa  
repleta de tantos adeuses doendo  
dependurados abandonos na janela,  
de onde espiei o mundo e as suaves  
margaridas que enfeitaram de ensejos  
o que tive  
como da vez primeira.

---

# 30

Nascendo para a montanha o poeta apascenta  
a luz em desempenho de seiva, flores e frutos  
e com as velhas metáforas descobre-se  
lavrado pela experiência de ter enfim chegado.

Não há lugar para o abandono  
sobre a montanha, onde tudo é igual ao poema,  
e tenho cestas para as surpresas.

No caos, outra gênese revive por dentro.

Sem o fundo de tumulto, as faces  
responsáveis e singulares  
dão aos nomes um símbolo que se abre.

Timidamente a luz coloca-nos em cena...

Entre o céu e a terra somos quem faz nascer  
a consciência e a sedução da liberdade.



---

# 31

Chegar à montanha como quem despe a mulher  
amada

e de repente se surpreende com o milagre  
e reúne os fiapos de nuvens cobrindo  
a nudez do azul até o fundo de si mesmo –  
chegar à montanha muito antes de haver o outono  
murmurando o nome de cada uva madura  
e acariciar cuidadosamente fartos cachos  
que em silêncio vão para a gula dos lagares –  
chegar à montanha como quem nunca tivesse  
saído do lugar e ver as pequenas cousas  
como inevitáveis mistérios provincianos –  
é saber-se não fictício. E limpo, transparente,  
banhar-se em luz e, táctil, espreitar  
o que se move com a dor e o som do início.

---

# 32

Tácita e visível a noite não se esgota com  
o cão das trevas. Um hífen o teu nome sabe-se  
manuscrito e então aqui sobre as montanhas  
a noite é mulher e me enraíza de infinito.

O silêncio tão silêncio ouves  
sem os címbalos usados em tuas buscas.  
À noite quase um rosto armamos por cima  
das carências, memória acolhida  
antes de amanhã quando todos regressarão  
à faina, alcançados pelo mesmo plantio.

A noite, aqui, não um divertimento, mas um rio.

Voltada para a rotina cotidiana em remos  
não gratuita, a noite não te ilude,  
mostra o outro lado do que ainda não colhemos.

---

# 33

Eis um mundo em que a noite outra vez  
fez-se casa cheia de desenhos  
de mim mesmo, crivada de recônditos.

Já não consigo esquecer  
as tramas corriqueiras dos meus dedos.

Contra a noite tenho a memória  
e aceito, calado, quase idosamente,  
a lentidão do silêncio  
acocorado menino que andou demais  
pelo fulgor de todos os tropeços.

A noite finge e cria a precisão  
de êxodos e os monótonos detalhes,  
rosto que imita como eu vejo  
minha alma armada de segredos.

---

# 34

As pedras não estão mortas, permanecem  
quase sempre um degrau retrocedido  
e são o que há de mais comum  
de visibilidade e jogo.

Junto ao vale a pedra torna-se alicerce  
ou luz codificada em limite rústico  
e, paradeiro, fica à tua espera  
quando retornas de dentro dos desejos.

Não mortas as pedras repousam  
solícitas em silêncio e, profusas,  
circundam a sombra áspera da tua casa.

Mesmo em sono escuro as pedras não se escondem.  
De olhos fechados, veem sem perguntas  
a monotonia do tempo e das tristezas.

---

# 35

Nu é o verão, um corpo descoberto.  
O sol existe, e muito, oral e plano.  
De repente os minutos contornam em espanto  
e cores o que fazemos tardiamente.

Invade-me da cabeça aos pés o horizonte  
que o verão atrela ao cheiro do que somos.  
Os nomes ainda são íntimos vasos  
de alabastro vertendo-se sobre os desenganos  
que não são poucos e que trazemos  
escondidos na velhice dos cabelos.

O verão – chão esquecido e sem pressa.

Estendemos sobre a solidão humana,  
com tanto sol, a imensidão de cada cousa.

Inexoravelmente não é o corpo quem se desnuda.

---

# 36

Molhado de chuva, descubro no outono  
o lado movediço de tudo o que inexistente  
em asas despencadas, frutos que se confundem  
com o chão em convite de raízes.

Tenho o outono preparado para o vazio  
de uma noite sem estrelas. O vinho talvez  
prolongue sobre a mesa a gratidão  
de tudo agora ser recôndito. Sem pausa,  
os ventos são incorrigíveis entre as folhas  
remotas. Parar o tempo não é esquecê-lo.

Sobram, além da porta, sombras de estórias.

Se fossem sarças ardentes, as horas  
dariam-me teu rosto,  
eu que chego cansado,  
sem sandálias e não trivial por dentro.

---

# 37

Nas montanhas as estrelas estão mais perto.

Do telhado bocejou a infância, a ardósia  
e as tábuas do assoalho sabem dos passos  
e caminhos a serem feitos.

De repente a noite acordou meu pai  
que tossiu e os cães uivaram ao mesmo tempo  
e o vento iluminou-me os olhos entreabertos  
para apontar os objetos familiares.

Vivo agora como se nada escapasse  
aos ouvidos que não aprenderam a dissimular  
o silêncio que vem na carruagem das ausências  
para lembrar-me do que resta avidamente,  
súbita tristeza morna e sem arranjo.

Aqui nem as janelas e as palavras são avaras.

---

# 38

Tão perto quanto ousas, esse azul paciente  
amplia dentro dos teus olhos o momento  
do amor ser puro e semelhante a ti  
que vens, corpo feito colheita,  
madura em trigo e sede e desejos.

Uma vez pintei um poema com tua face  
e vi que as cores transbordavam  
um azul igual a esta manhã em que vou ceifar.

Precipitam-se sobre os ventos  
anjos encarregados de colher grãos perdidos  
que as espigas em feixes esqueceram pelo chão.

Em ti foi semeado o azul que fez o céu ficar  
o mais bonito espelho  
do trigal desmedido à luz da tarde.



---

# 39

A hora ali estava curvada de frutos,  
o sol os possuía, sedentos, sem abrir.

De pés descalços espero, ainda ingênuo,  
que sons de flauta campesina possam  
vestir de calor as romãs no fundo  
dos atalhos. E então, penso em ti  
e um pouco de calma me acompanha,  
um rebanho voltando da pastagem.

A tal ponto me debruça o canto  
dos juncos que a ampla a casa paterna  
parece frágil menina bem-amada.

Não falo do regato alongando a tarde...

Sem nuvens, os pombos obsequiosos  
tornam nômade cada instante novo.

---

# 40

Tenho um vale – dou volta ao mundo  
e meus pés andam por ensaiadas surpresas  
entre os rios frios desde o outono  
e os conselhos enchendo de anjos a mesma casa.  
Até as distâncias, pousadas, são suavíssimas.

E as palavras que te digo começam a ser  
regaço de milagre e, descalço, circundei  
a tarde ansiosamente sem alarde.

Ave de ter voado as estações, o vale  
cola-se à minha face, de balde sou menino  
que voltou a ver-te para sempre.

Como asas mal crescidas, as palavras  
prendem-me ao chão com tamanho  
da inocência de um mundo pequenino.

---

# 41

Um vale: não a montanha, não um abismo,  
nem uma aparência taumaturga.  
Apenas um vale que o poema descobre  
entre as mãos e os olhos insólitos.

Está proclamando o verde indivisível.

Mais que cestos, são os frutos sempre  
um modo de ser para o repouso.

Nada tem de espantoso o tempo  
nem o vento que o fez num só golpe.

Simplesmente o vale apercebido,  
verso que se sabe de cor,  
à noite volta como um molde feito  
para a infância e o outro lado do canto.

Desenho a lápis para mim mesmo.

---

# 42

Eterno e sempre, um retrato o vale  
se aproxima de ti na cantiga antiga  
que os ecos ampliam com mãos de pedras  
e sombras quebradiças quase humanas.

Ah, a montanha – uma tenda e não museu,  
talvez um poema inacabado, mas poema  
tão vivo de invenções e casa antiga  
de abrigar, quando o assombro nos irmana.

Velho gramofone cheio de ruídos,  
a montanha despe em ti a lenta luz  
e se repete em minúcias de mágica.

Sim, é hora de cortar o pão caseiro  
E, sobre a mesa, saber que o vinho maduro  
torna diáfanas as palavras.

---

# 43

Em nome da montanha, chamo  
tudo o que não consta neste meu poema,  
agora morrer é imerecido e as horas  
chegam a oferecer, de repente, o sensual silêncio.

Uma vez que estou aqui, o vale me pertence.  
Amo-o em frutos, pedras e caminho.  
Simplesmente as sombras não escondem  
as seivas permitidas de vez e sem mistério.

A paciência retorna sutil... e sem perguntas.

O poema flui como um moinho d'água  
entregue definitivamente ao tempo de exílio.

Sem nenhum pretexto  
amoroso, o vale prepara-nos as festas  
dos cheiros pródigos de tudo.

---

# 44

A montanha e os vales mantêm-se pífios por senha.

Bebo leite cru, a paz não é colagem,  
meu nome permanece silencioso,  
bastam os olhos carregados de intenções.

As palavras, tenho-as côncavas.

Desde os oito anos as mãos tecem calos,  
dou ração aos pombos de Raimundo.

Um riacho nada quer de labirinto e remoinhos.

Às portas do amanhecer somos puros.  
E, digitais, as palavras não disfarçam  
os afazeres, descobrindo-se aprazíveis.

Além do vale, nada mais existe visível,  
íntimo e quietante.

Ah, os grilos são grilos, agridem a si mesmos!

---

# 45

Quem não amou o vale como eu o amei  
não pode tratar devidamente do poema  
e não estando comigo sobre esta montanha  
há de ver ao derredor apenas engenhosos abismos.

As palavras são vazias quando não são  
insondáveis de cheiros em que se realizam  
as raízes comuns de todas as colheitas  
e a emoção credenciada do silêncio.

Quem não amou a montanha está fadado  
aos limites e, não perceptível, o infinito  
se fará entre o dia, o chão, a noite.

Tenho um poema absorvido de identidade  
força de intuição, persuasão fadada.

Sou conhecível em tarefa e inventário.

---

# 46

Não há monotonia para quem há séculos  
chega ao bale, mundo não obsoleto  
em meio ao verde dramaticamente oculto,  
um poema exposto a nu e sustento.

Não há vazio para quem carece de sair  
do vale arqueado pelo fogo do outono,  
embora haja, ao entardecer, um vento silvestre  
se enraizando ao dom das romãs rachadas.

Chamem o silêncio de arabesco e as palavras  
de tufo. Então as lembranças virão túmidas  
de paciência e inteiriços não de ser então  
os arrepios do vento à espera do amparo.

Não há apoteose aqui. Apenas os pássaros  
regressam às conchas dos ninhos e nós ao canto.



---

# 47

O que não pode mudar são os poemas  
as árvores, as uvas e o vinho  
nos teus olhos nascendo em vale  
sobre meus erros e os cômodos acertos.  
Nem minhas palavras de inventar a luz  
mudaram para mim as sensuais surpresas  
dando-me a certeza de que sou ingênuo  
quando manejo teu nome onde preciso alcançá-lo.

Tenho um profundo respeito pelas mesmas coisas  
opacas como o verde oral do vale  
que está inteiramente à nossa espera  
e sem relutância acabarei cedendo  
às andanças das cores e às lembranças  
avantajando-se como se fossem colinas.

---

# 48

Os vales – maduros pomos – estão aqui  
e as montanhas passam antes das palavras  
e tu ficas a ver uma cortina fora de moda  
ventando ausências nesse fim de tarde.

As casas ainda resistem aqui  
quando o tempo se faz cheio de domingos.

(Incontida em corpo, tua chama narra para mim  
o tamanho das demoras... alguém das perguntas).

Há milênios colhem os vales a todo instante  
a pressa de se ter os mesmos hábitos  
e o cansaço embutido nas palavras.  
Atapetado de outono, o tempo trouxe  
para as montanhas um frenesi  
que os vales têm depois de feito o poema.

---

# 49

Tudo por causa do verde-azul da terra  
que eu cantei e achei um dia tão linda,  
o poema se faz o alumbramento  
diante da nudez completa da palavra.

Verde nu e pleno azul de mistério,  
capaz de desvendar tudo com o vento vindo  
dos vales dedilhados de sementes iguais  
às mãos que eu afagava por amor.

É quase um susto incrível esse verde  
que pousa no poema uma ventura  
de esperar as borboletas por causa da cor.

Coroados de flores se veste de amores o vale!

E a água ainda azul não é turva.  
E a memória se refaz em dias felizes.

---

# 50

Nas montanhas verdes junto ao rio azul  
e ao puro hálito de um poema  
cantas uma cantiga aprendida entre os poucos  
folgedos que restaram distantes da infância.

Esse verde bom de ninar entre os braços  
de uma surpresa que não te pertencera  
tropeça em pedras crescidas à margem  
do rio que corre em coradouro de luz.

Montanhas que não seriam mãos à tua espera  
se não fosse esse azul feito gente  
e que te acaricia fiel em cheiros e distâncias  
de um mundo começando com jeito pessoal  
de quem contorna a esperança humilde  
de, sem pressa, ser enternecido para sempre.

---

# 51

Sou, coisa rara, um poeta campesino  
e amo e luto e espero e soffro e colho  
das raízes um conjunto de frutos  
com os cheiros que não estão longe da ternura.

E canto. Sou com o passar dos anos  
um poeta por força da memória, desterro  
nada hostil marcando distrações e rumos.

Invento palavras que duram nos poemas.

Não pertenço aos ruídos encenados da cidade.

Por isso escrevo e dou para ler o que componho  
aos que ordenham e suam e tecem o pão nosso  
cotidianos. E meu poema, passando sem vaidade  
de mãos em mãos, está sujo pelo uso –  
assim sou livre, continuo vivo e sem perguntas.



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

## *Uma história de tradição*

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

## *A universidade de hoje*

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

## *A Editora da Universidade de Caxias do Sul*

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:

“Só os poetas sabiam que as montanhas  
são realmente azuis”



ISBN 978-65-5807-266-9

